

## INTEGRAÇÃO INDÚSTRIA/COMUNIDADE\*

*José Antonio Daniello\*\**

O presente tema é abrangente e de natureza complexa, pois envolve interesse, comportamento social e percepção. Cada variável inserida explicita ou implicitamente, motiva o estabelecimento de estratégias de ação.

Assim, esta apresentação não pretende traçar um tratado sobre o assunto, mas fazer algumas observações sobre os agentes sociais envolvidos, para que sirvam, a posteriori, de reflexões àqueles que administrarão esta atividade de integração da indústria na comunidade.

Do ponto de vista sociológico entende-se por integração, quando o agente social participa, efetivamente, da vida grupal, isto é, uma vez absorvido pela consciência coletiva, se identifica com os interesses ou idéias do grupo. A integração é total em estruturas comunitárias.

Por outro lado, o grande número de acepções que o tema comunidade tem na literatura sociológica, pode ser reduzido as três noções fundamentais:

- 1) A comunidade como princípio estrutural de certas sociedades, equivalendo o termo estrutura comunitária;
- 2) Comunidade como forma específica de coesão intragrupal e da consciência coletiva;
- 3) Comunidade como sinônimo de grupo total ou parcial, geralmente, no sentido local ou territorial.

Enfim, pode-se dizer que todos os agentes sociais integrados em uma estrutura comunitária são ligados por uma solidariedade profunda à despeito de todas as possíveis divergências. Onde quer que um grupo pequeno ou grande, conviva de tal maneira que seus comportamentos participam, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum. Este grupo é chamado de comunidade. A indústria, conceitualmente, faz parte da comunidade.

---

\* Tema apresentado no Seminário *Eliminação de Odores em Fábricas de Papel e Celulose* - ABCP - 21.03.85.

\*\* *Mestre em Comunicação Social; Educador em Saúde Pública; e Professor do Instituto Metodista de Ensino Superior.*



## **A Comunidade e a Indústria**

No início da industrialização até os anos 30, as indústrias para resolverem o problema da fixação de sua mão de obra, construíam as chamadas “Vilas Operárias”, geralmente, contíguas às fábricas, cujas residências eram alugadas ou vendidas aos trabalhadores.

Esse tipo de solução foi viável, na medida em que a quantidade de força de trabalho a ser alojada era pequena, já que as casas destinavam-se de modo particular aos operários mais qualificados.

Além disso, o baixo custo dos terrenos e da construção tornava compensadora a fixação do trabalhador.

Os anos foram passando e essas “vilas” foram perdendo sua identidade, dando lugar a novos inquilinos, sem qualquer vínculo com a indústria circunvizinha.

A par desse processo pode-se observar, que o próprio assentamento industrial desordenado gerou de maneira desarticulada, espaços ocupados por residências, indústrias, comércio, cuja convivência, no caso da poluição ambiental se dá de acordo com o comportamento social de cada uma das partes.

O comportamento do indivíduo frente a esses problemas, principalmente aqueles que tratam de casos localizados, é resultante de variáveis externas que o motivam a agir com maior ou menor amplitude. Embora haja fatores internos, por exemplo: algum distúrbio orgânico, estes são poucos significativos do ponto de uma análise funcional, pois: “O hábito de buscar dentro do organismo uma explicação do comportamento tende a obscurecer as variáveis que estão ao alcance de uma análise científica. Estas variáveis estão fora do organismo, estão em seu ambiente imediato e em sua história ambiental”.

Fazendo uma analogia às noções de estímulo - resposta de Pavlov, ao comportamento observado, visualiza-se, claramente, que os moradores circunvizinhos a uma determinada indústria agem com relação ao seu meio ambiente de acordo com o estímulo (poluente) percebido. Contudo associado a esse estímulo existem vários “reforços”, os quais denominam-se, no caso, de variáveis independentes - causas que influenciarão na resposta dos moradores, tais como: percepção significativa de poluentes; notícias sobre acidentes graves ocorridos em outros lugares, os quais são associados erroneamente com a problemática vivenciada; ausência de informações sobre o caso; morosidade na resolução do problema vivenciado; mau relacionamento com o industrial; doenças existentes na comunidade que são, indevidamente, associadas; comportamento inadequado por parte dos funcionários, desvalorização da propriedade, danos à vegetação (flora e fauna), etc.



Assim de acordo com o “reforço” apresentado, os moradores podem assumir com relação aos poluentes percebidos e a fonte poluidora, atitudes de apatia, temor, aversão, repugnância, desprezo, intolerância, desagrado e desconfiança.

Estas atitudes irão gerar, ao longo do tempo, manifestações ou efeitos os quais podem ser, chamados de variáveis dependentes do processo, como por exemplo: informações amplificadas ou ruídos de comunicação, barreiras ao diálogo, procura de apoio e solidariedade junto às instituições, conflito social, envolvimento político, comumente, com interesses espúrios. É a pressão social que se faz presente, isto é, a coerção intergrupala exercida por agregados ou indivíduos que começa a se manifestar contra a indústria e, em consequência dessa pressão observa-se uma solidariedade, entre os moradores tanto mais acentuada quanto maior o consenso de que todos os valores físicos e materiais estão correndo sério risco.

Por conseguinte, dependendo das variáveis introduzidas e percebidas pela comunidade pode uma convivência apática ou pacífica, muito bem, passar em um determinado momento, a um estado de agressividade manifesto, com graves consequências para ambos os lados.

No que concerne às indústrias de Celulose e Papel, particularmente as situadas no Estado de São Paulo, a pressão social que se apresenta não é genérica. As reivindicações dos moradores, caso a caso, vão desde denúncias esporádicas, até mobilizações de grande repercussão social.

Isto não quer dizer que as fontes com baixo movimento de queixas, poluem menos do que aquelas que vivenciam uma pressão social avançada. Tudo depende, como foi citado, das variáveis que determinam o consenso da comunidade.

Isto fica bem claro, através das pesquisas sociais aplicadas nessas comunidades, com o intuito de conhecer a abrangência, significância, bem como, frequência e intensidade de percepção dos poluentes.

Aí sim, as respostas dos moradores circunvizinhos a essas fontes são genéricas.

A pesquisa funciona como um reforço ao estímulo. Pode-se observar através dos dados levantados nessas comunidades que, o poluente odorífero, associado muitas vezes às emissões de fumaça branca é caracterizado pelos entrevistados, numa escala de significância como de percepção altamente significativa o que corresponde a uma interferência negativa aos afazeres domésticos e no uso e gozo da propriedade.

Comumente, o odor caracterizado como “repolho podre”, segundo os entrevistados, é causa de irritações, enjôos, mal-estares, vômitos etc. A percepção do odor é abrangente e notada a longas distâncias.



A frequência e intensidade de percepção depende de vários fatores tais como: condições meteorológicas - dias chuvosos e nublados o odor é mais intenso, sensibilidade dos entrevistados, grau de fadiga do senso olfativo e circunstâncias de exposições permanentes isto é, convivendo com o odor, diariamente, a percepção é minimizada devido a aclimatação.

Menos significativas seguem outras citações de odores ácido e soda e presença de fuligem, principalmente, nas residências próximas à indústria.

Como se vê, existe uma “consciência” de percepção, e o comportamento da comunidade a uma mobilização social é latente, a qual somente se manifestará se houver clima, isto é , reforço ao estímulo.

A indústria deve concentrar todo esforço para que isso não aconteça.

## **A Indústria e a Comunidade**

A indústria integra-se à comunidade, interagindo com seus vários agentes sociais, identificados como: compradores, distribuidores, fornecedores, acionistas, exportadores, importadores, etc. Essa integração em maior ou menor grau depende dos objetivos da organização os quais podem ser reavaliados, dependendo da instabilidade do mercado.

Para atingir seus objetivos e satisfazer suas necessidades engendra um sistema de persuasão com uma metodologia ordenada, lógica e planejada, a fim de transmitir ao seu público aspectos da organização, os produtos e outros interesses através dos meios formais e informais de comunicação social.

Os esforços despendidos nesses recursos devem ser plenos, pois irão garantir a prosperidade ou sobrevivência da empresa.

É claro que este sistema somente funcionará se a organização desenvolver especialistas na sua assessoria, cuja a incumbência é a de realizar continuamente estudos e projetos em face das modificações de mercado e da aceitação do produto.

É a imagem da organização que deve ser preservada, isto é, a imagem é afetada pelo que a organização é, pelo que faz e, pelo que diz. Todas funções e empregados se envolvem na comunicação da empresa.

Apesar de todo o esforço, a integração com a comunidade não é total e o sistema apresenta-se frágil e vulnerável, porque as indústrias, não é genérico, descuidam-se do outro público, aquele circunvizinho, que é receptor de outros produtos ou subprodutos, um eufemismo para caracterizar seus poluentes.

Que pensa a organização à respeito dos seus vizinhos? Qual o grau de responsabilidade existente? Como ela se sente ocupando um espaço onde no seu entorno existem residências? Qual é o contraste visual? A organização



como um todo tem consciência dos prejuízos que está causando à comunidade?

A organização tem consciência de que qualquer manifestação ecológica contra a empresa, pode desencadear um processo de deterioração de sua imagem, com reflexos negativos no mercado, incluindo aí: compradores, distribuidores, acionistas, etc?

Enfim, as questões que se levantam são inúmeras e se respondidas ou, dependendo das respostas, o contexto mostrará que tipo de integração a indústria estará disposta a participar com os seus circunvizinhos.

Observa-se, atualmente, com raras exceções, que a integração entre a organização e o ambiente, depende do seu grau de envolvimento com o órgão responsável pelo controle da poluição ambiental e, da mobilização da comunidade em torno do problema.

A interação consciente sem estas evidências é pouco manifesta, ou por desconhecimento ou, porque os objetivos da organização se voltam para outros níveis de relacionamento.

Assim, os primeiros contatos entre a organização e a comunidade acontecem em meio a um conflito social já desencadeado e com repercussões negativas para ambas as partes.

Nesse relacionamento, observa-se uma incompatibilidade irascível mútua, gerando descrença e hostilidade que acaba transformando o processo de integração numa grande perturbação emocional.

A organização deve evitar de todas as maneiras que isso ocorra. A estratégia é simples e óbvia. Não espere que o conflito aconteça ou que seja atuado pela agência de controle. Integre-se à comunidade conhecendo seus problemas e seus anseios e discuta com ela seus propósitos de preservação do meio. Em consequência, através dessa interação, a empresa verá que tem muitas coisas em comum e que há uma convergência de opiniões a compartilhar.

É a ação comunitária que deve fazer parte dos objetivos da empresa.

### **Ação Comunitária**

A ação comunitária para estes casos deve ser entendida como sendo um conjunto de métodos e variáveis introduzidos à comunidade com o intuito de haver uma efetiva integração entre os agentes sociais envolvidos.

A metodologia é circunstancial, contudo, a priori, pode-se sugerir os seguintes passos:



a) Transmitir conhecimento, informação ou compreensão (ensinar). A comunicação interpessoal e grupal é o processo essencial do trabalho. Este papel “informativo”, porém, não significa a reconstituição do saber científico e técnico, por parte do indivíduo mas a apreensão de formas de diálogos para compreender, explicar ao grupo e transformar o problema.

b) Obter informações (entrevistar). Conhecer como a comunidade - percebendo o problema, antes e depois de solucionado. Conhecer as lideranças da comunidade. Conhecer os problemas prioritários da comunidade.

c) Mudar atitudes, comportamento ou crenças (ação disciplinar);

d) Mudar o estado emocional da comunidade;

e) Ajudar a comunidade a resolver outros problemas identificados como prioritários.

A interação da indústria com a comunidade deve ser total, pois a maioria dos problemas sociais é resultante da quebra de comunicação da ausência de interação e cooperação entre grupos.

## **Bibliografia**

1. Camargo, C.P.F. et all - Crescimento e pobreza, 4ª edição- São Paulo, Loyola, 1976

2. Baldus, H. e Willens, E. - Dicionário de Etnologia e Sociologia - São Paulo - Ed. Nacional.

3. Skinner B.F. - Ciência e Comportamento Humano - São Paulo - Edart - 1974.

4. National Survey of the odor - Problem Social and economic Impact of odors - EPA.

5. Journal of Communication “Blue print for breakdown” Three Mile Island and the Media Before the accident-Vol.31, November 2 - 1981.

6. Argyle M. - A interação Social - Rio de Janeiro - Zahar - 1976.

